



"Um dos melhores romances  
esportivos que eu já li."  
Rachel Reid, autora de  
*Rivalidade Ardente – Heated Rivalry*

# ROTA DE IMPACTO

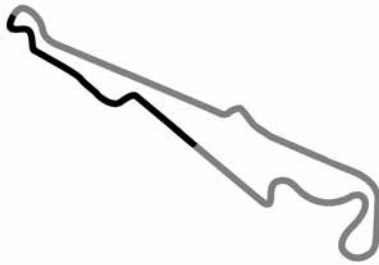
Paixão em alta velocidade

AMY JAMES

# Setor 1

---

Travis



# 1

## Depois

**NÃO PASSA PELA CABEÇA DE NINGUÉM ME CONTAR SOBRE O** acidente, não antes de transcorrida uma hora. Mesmo então, ninguém se dá ao trabalho de me contar diretamente. E por que fariam isso? Ninguém sabe que somos amigos, quanto mais... seja lá o que formos.

Sou alcançado por um jornalista na saída de uma coletiva de imprensa; um microfone vermelho-vivo é empurrado na minha cara.

– Ô amigo, tem um instantinho? Maravilha.

Obediente, eu paro e estampo uma expressão interessada no rosto. Se fosse qualquer outra pessoa, talvez tivesse inventado uma desculpa e seguido andando, mas James Riley é um piloto da F1 aposentado, um dos grandes da década de 1980.

– Meus parabéns por hoje, Travis – diz ele, com seu sotaque inglês animado. – Quarta posição. Você deve estar feliz.

– Pois é – digo, contendo a sensação desconfortável de nervosismo que sempre vem à tona quando preciso falar diante de uma câmera. – Tivemos uns probleminhas no treino de ontem, mas, é, hoje foi um pouco melhor.

– Fala um pouco pra gente disso – pede James. – Tanto você quanto o Matty... – Ele se afasta de lado enquanto um homem e uma mulher usando o uniforme da Crosswire Racing passam por nós. – Tanto você quanto o Matty tiveram problemas no treino de ontem...

– ... viu o replay? – pergunta a mulher. – O carro do Nichols...

Ao ouvir o nome dele, meu corpo inteiro gela, como se alguém tivesse me dado um banho de água fria. O tom da mulher é tenso e horrorizado, como se algo muito ruim tivesse acontecido. Eu me viro na direção dos dois com o pânico acelerando meu pulso, mas as perguntas de James abafam a maior parte da resposta do homem. Só consigo captar três palavras.

– ... morreu no local.

– ... se o tempo se mantiver firme – conclui James.

Ele segura o microfone com um ar de expectativa, querendo ouvir minha resposta, mas tudo que consigo escutar... tudo em que consigo pensar é...

*Morreu no local.*

Eles não podem estar querendo dizer...

Não tem como ele ter...

James está me encarando com um ar de incompreensão. Sei que preciso responder, mas não consigo ouvir nada além do estrondo nos ouvidos. As palavras do homem se repetem sem parar. Morreu no local. Morreu no local. Morreu no local.

– Aconteceu alguma coisa? – pergunto de uma vez só, com uma voz fraca que não se parece com a minha. – Aconteceu alguma coisa na F2?

James olha em volta; vincos se formam em sua testa.

– Não sei, amigo. Passei a manhã inteira numa reunião, só saí há uns dois minutos.

Ele olha para a operadora de câmera, mas o rosto dela exhibe a mesma incompreensão que o dele.

– Com licença.

Minhas palavras saem ríspidas e engasgadas. Abro caminho para passar por eles e tateio com as mãos trêmulas em busca do meu celular. Preciso de três tentativas para abrir o aplicativo de tempo real da F2, e outras três para navegar até as últimas notícias. Fico enjoado, literalmente enjoado, enquanto a página carrega, e meu cérebro então meio que congela quando vejo o que está escrito ali.

Nada.

A última atualização foi 43 minutos atrás. Martinez ultrapassa Rourke e assume a liderança na primeira volta. #f2aovivo #formula2 #circuitopaulricard.

Depois mais nada.

Atualizo a página.

Nada.

Meus pés voltam a se mover e me levam para o lado de fora. Se fosse um acidente leve, teriam postado alguma coisa. Se não estão postando sobre o acidente... se não estão postando *nada*...

Significa que alguém morreu. Significa morte.

Morreu no local, disse o homem.

O carro do Nichols, disse a mulher.

Um estrondo nos meus ouvidos abafa todos os outros sons. Alguém tenta me abordar. Passo direto. Alguém chama meu nome. Ignoro. Uma porta se abre, e por um instante o sol me cega. O sol e o silêncio. A corrida da F2 estava marcada para começar logo depois da classificação da F1 – uma mudança na ordem habitual para tentar fazer mais fãs continuarem no circuito e se informarem a respeito da F2 –, mas, neste momento, um silêncio perturbador reina em toda a pista. Há quanto tempo está assim? Entrei numa coletiva logo depois de me classificar, mas com certeza deveria ter reparado quando ficou tudo em silêncio, não?

Sinto um embrulho no estômago ao recordar o fim da coletiva. Achei que a entrevista terminou de um jeito meio abrupto, mas não me dei ao trabalho de me perguntar por quê. Simplesmente fiquei feliz por ter acabado. Cheguei a rir de algum comentário espirituoso sobre a entrevista feito por Matty, meu companheiro de escuderia.

Eu me forço a continuar andando. O grid está quase vazio, o que também é estranho. Olho para um dos telões e não tem nada lá.

Meu Deus do céu: não tem nada na porra do telão.

As poucas pessoas ainda nos boxes estão amontoadas em grupinhos de duas ou três, de braços cruzados e com o semblante grave. Ninguém sorri. Ninguém ri. Passo por um grupo de fãs que está fazendo um tour pelos boxes, e eles viram os celulares para me fotografar, mas mesmo essa reação é estranhamente contida, como se não soubessem se estão sendo inconvenientes.

Meus olhos buscam um rosto conhecido até finalmente se cravarem num mecânico de uniforme da Harper. Ele está falando com uma garota loira que está com a testa enrugada de preocupação.

– O que aconteceu? – pergunto com urgência.

A garota pisca os olhos para mim, espantada.

– Um mega-acidente na F2 – responde o mecânico. – Tipo, uns seis pilotos tiveram que ser levados de helicóptero.

Uma onda gelada se abate sobre mim e me deixa anestesiado até as pontas dos dedos. Seis pilotos. Este ano são 24 pilotos na F2. Ou seja, há uma chance em quatro de um deles ser...

– Cinco – corrige a loira. – Um foi liberado pelos socorristas aqui mesmo.

– Quem...? – A palavra não sai direito. Engulo a saliva e tento mais uma vez. – Quem foi de helicóptero?

– O Parrot – responde o mecânico.

Ao mesmo tempo, a garota diz:

– O Nichols.

– É, o Parrot e o Nichols, o Costa, o Thériot... e o McDougall, acho – conclui o mecânico.

Eu me afasto deles. Cambaleando, talvez.

Uma dor horrível e lancinante está se espalhando pelo meu peito. Meus pulmões não estão funcionando direito. É como se eu tivesse esquecido como se respira. Não, esqueci *mesmo* como se respira.

Passo um minuto, um minuto inteiro, parado, totalmente paralisado. Então uma vozinha surge lá no fundo da minha cabeça, a mesma que berra comigo quando faço alguma burrice com meu carro, ou quando sou grosso com a equipe por causa de alguma coisa que não é culpa deles.

*Que porra você tá fazendo?, exige saber a voz. Vai logo pro hospital!*

Volto a me mover, atravessando de novo as portas e disparando pelos corredores até chegar à minha sala. Por algum milagre não há ninguém ali, nem meu treinador, nem meu companheiro de escuderia, ninguém. Pego meu casaco e a chave do carro, então paro, com uma das mãos na porta. Não posso entrar no hospital de macacão de piloto. Alguém poderia ver... alguém poderia se tocar...

Levo dois minutos para tirar o uniforme e vestir um jeans e uma camiseta cinza, e só quando estou atravessando a toda o estacionamento e pulando dentro do carro é que me dou conta de que esses dois minutos podem representar a diferença entre vê-lo com vida e vê-lo morto. Meu coração começa a esmurrar o peito com mais força ainda e, enquanto espero o

segurança me liberar para sair do estacionamento, o único pensamento que meu cérebro consegue formular é que eu talvez tenha jogado fora a última chance de vê-lo só por estar morrendo de medo de que alguém adivinhe o que estou fazendo lá.

Antes mesmo de saber para onde estou indo, já estou na estrada. Minhas mãos tremem ao sintonizar na única estação de rádio capaz de me dar alguma notícia. A Sky1 entra no ar no meio de uma frase, e sinto as primeiras palavras como um baque no meio do peito.

– ... com atualizações em tempo real do Circuito Paul Ricard. Lisa, conta pra gente o que está acontecendo – diz o repórter.

– Bom, John, está tudo muito, muito silencioso aqui enquanto tentamos processar o que acabamos de ver. Um acidente absolutamente devastador na Fórmula 2, e, como você já sabe, cinco pilotos foram levados de helicóptero pouco mais de uma hora atrás.

Minha vontade é gritar: levados para *onde*? Um carro atrás de mim buzina, e me dou conta de que estou dirigindo feito um doido, com o carro entre duas faixas enquanto digito “hospital” no GPS ao mesmo tempo que tento entender todas as palavras que Lisa diz. Paro o carro no acostamento, porque fico com medo de matar alguém se não fizer isso. O GPS está indicando dois... não, três hospitais na região: Hôpital d’Aubagne, Hôpital Maisonneuve-Talon, Centro Médico Les Oiseaux... Meu Deus, quanto mais eu dou zoom, mais hospitais aparecem.

– Pro pessoal de casa que talvez ainda não saiba – diz o repórter –, a Fórmula 2 é a categoria de automobilismo logo abaixo da Fórmula 1. Os carros são mais lentos do que os de Fórmula 1, mas mesmo assim podem chegar a mais de 320 quilômetros por hora, não é isso, Lisa?

– Isso mesmo, John. Acabamos de saber que dois dos pilotos encaminhados para o Hôpital Nord sofreram apenas ferimentos leves, mas ainda não temos notícias dos outros três...

Digito o nome do hospital antes mesmo de ela terminar a frase, e o rádio é interrompido pela voz da Siri, me orientando a seguir em frente por 20 quilômetros. Eu me forço a ver como está o trânsito em volta antes de retornar à estrada. O Hôpital Nord fica a 35 minutos de distância. Respiro mais uma vez ao mesmo tempo que a voz de Lisa volta a falar. Minha vontade é beijar essa mulher, seja ela quem for. Limpar minha

conta bancária e mandar tudo para ela. Dois pilotos apenas com ferimentos leves.

Respiro fundo uma vez, e depois outra. O repórter agora está pedindo para Lisa contar para os ouvintes o que viu, e aumento o som do rádio para escutar.

– Bom, os cinco carros estavam todos bem juntos na saída do retão. Ao que parece, a roda de Parrot travou logo depois da primeira volta, então o carro dele foi atingido por Nichols e Costa, que estavam lado a lado. Parece que Costa estava tentando ultrapassar Nichols quando eles colidiram com Parrot, e então Thériot e McDougall acabaram batendo nas ferragens...

Nas *ferragens*. Estou segurando o volante com tanta força que os nós dos dedos chegam a ficar brancos. Tento imaginar a batida. O carro de Parrot travando, em seguida sendo atingido por dois carros saindo do retão a mais de 240 por hora... Ele deve ser um dos pilotos em estado mais grave. Mas se Thériot e McDougall apenas “acabaram batendo nas ferragens”... se eles estavam vindo atrás da batida e tiveram que desviar... será que isso significa que foram eles os dois que conseguiram se safar com ferimentos leves?

Caramba, acho que vou passar mal.

– Ele tá bem – digo em voz alta, como se isso pudesse fazer virar verdade. – Ele vai ficar bem.

Siri interrompe a transmissão outra vez, me dizendo para pegar uma saída, e passo os vinte minutos seguintes quase sem conseguir ouvir o rádio enquanto a voz vai me guiando por uma série de rotatórias e ruas laterais complicadas. Quando volto a pegar um caminho mais reto, Lisa já está se despedindo, e John promete nos deixar informados conforme novas notícias forem disponibilizadas. Aperto o botão para desligar o rádio no mesmo instante em que um noticiário começa, e Siri me avisa que em sete minutos meu destino estará à direita.

Em sete minutos, vou encontrá-lo me esperando com ferimentos leves, digo a mim mesmo. Já consigo visualizar a cena: ele vai estar num quarto de hospital qualquer, feio e estéril, e provavelmente vai ter todo tipo de pessoa ao seu lado, mas ele vai me ver entrar e abrir um sorriso torto e sutil, especialmente para mim. Vou manter distância até conseguir ficar a sós com ele, e então ele vai fazer algum comentário inteligente sobre eu estar preocupado e revirar os olhos como se tivesse sido bobagem minha. Ele é assim:

sempre minimiza as coisas, nunca reconhece fraqueza nem derrota. Mas, se Parrot e os outros estão tão mal quanto parece, ele vai estar abalado. Eu provavelmente não vou ter muito tempo para ficar a sós com ele – caramba, os pais dele pegaram um avião para vir ver essa corrida, não foi? –, mas vou segurar a mão dele e dar um beijo bem no meio dela...

– Em 300 metros, seu destino estará à direita – diz Siri, me arrancando dos meus devaneios.

Ao entrar no hospital, fico grato pelo pouco de francês que aprendi ao longo dos anos. *Stationnement* é o estacionamento, embora eu não tenha certeza de que seja o estacionamento certo. O hospital parece ter vários prédios, e passo por três entradas distintas antes de achar uma vaga.

Encontro a mais próxima e adentro uma sala de espera pequena e silenciosa, com um balcão de recepção. Ao entrar, tenho uma sensação horrosa de *déjà-vu*. Não entro num hospital desde que meu pai morreu. Ele já estava morto quando cheguei. A médica do pronto-socorro tinha ligado me avisando. Por um instante, sinto uma centelha de esperança. Jacob não pode estar morto, porque ninguém ligou me avisando.

Então balanço a cabeça diante da minha própria estupidez. Mesmo se ele tiver morrido, eu sou a última pessoa para quem pensariam em ligar.

A placa junto ao balcão de recepção diz “Enregistrement – Chirurgie Cardiothoracique”, o que não me parece nada bom. A mulher atrás do balcão está falando num francês veloz com um senhor de idade que segura uma ficha de marcação de consulta. Passo uns cinco segundos esperando atrás dele, então vejo uma placa no corredor à direita que diz “URGENTES”. Saio correndo; o pronto-socorro deve ser por ali.

Há mais algumas placas pelo caminho, mas o hospital é tão grande que não paro de me perder. O fato de estarem fazendo obra em alguns dos prédios não ajuda. Meu desespero aumenta a cada instante, e estou digitando “Hôpital Nord pronto-socorro como chegar” no celular quando vejo uma voluntária do hospital usando um colete vermelho-vivo.

– *Est-ce que je peux vous aider?* – pergunta ela alegremente.

– O pronto-socorro? – retruco depressa, nervoso demais para lembrar qual é a palavra em francês.

– *Ah, oui* – diz ela, e passa então para um inglês com sotaque forte. – O senhor vai seguir esse corredor, aqui mesmo, depois virar à esquerda, seguir

o corredor comprido, aí tem uma porta que dá para... longe? *Non*, para fora – corrige-se ela. – Aí o senhor atravessa, e lá fica a recepção principal.

– Obrigado – digo, engasgado e já saindo correndo.

Seguir o corredor... virar à esquerda... seguir o corredor comprido, tanto que começo a ficar preocupado de ter me perdido. Mas não: ali está a porta que dá para o lado de fora. Saio para uma calçada banhada de sol. Do outro lado da rua está a entrada de outro prédio, com uma placa bem vermelha que diz: “URGENCES”.

Alguém buzina quando atravesso a rua correndo e entro no edifício. O ar condicionado está muito frio depois do calor lá fora, e a sala de espera, lotada; algumas pessoas têm um ar pálido e doentio, e outras, com o rosto vermelho, aparentam impaciência.

No balcão da recepção, um dos babacas impacientes de cara vermelha está destratando a atendente, que ostenta um fino sorriso, aflita. Não entendendo uma palavra sequer da fala irada do homem, mas nem preciso. Ele está reclamando por ter que esperar, sem se importar com o fato de haver pessoas passando por emergências de verdade.

A moça atrás do balcão franze os lábios quando o otário enfim se afasta, batendo o pé, mas mesmo assim, depois que ele sai, ela abre um sorriso paciente e gesticula para eu me aproximar. Diz alguma coisa em francês, depressa demais para eu entender.

– Ahn... *anglais?* – respondo, sem graça.

– *Oui*, um pouco – diz ela, ainda com o mesmo sorriso gentil.

Uma fila já está se formando atrás de mim, mas ela me encara diretamente nos olhos, como se estivesse disposta a esperar o quanto for preciso para ajudar. Pessoas como ela não ganham o suficiente, na minha opinião.

– Estou procurando uma pessoa que foi trazida pra cá – digo.

Sou obrigado a engolir a saliva duas vezes pela garganta seca feito papel antes de conseguir desembuchar o nome dele.

– Jacob Nichols.

– Ah.

A moça digita alguma coisa no computador e estreita os olhos para a tela. Quando volta a olhar para mim, há algo em seu olhar que denota uma imensa pena.

– E o senhor é... amigo? *Famille?*

– Família – minto.

Ela assente.

– Ele deu entrada no pronto-socorro, mas agora foi transferido para a USI. O senhor precisa pegar o elevador... *là*... até o nono andar. Toque a campainha e diga quem está procurando.

– USI – repito, com a voz aguda. – Isso... isso é ruim?

O olhar dela fica um pouco mais suave, e tenho a impressão de que vou vomitar.

– É o... – Ela busca as palavras. – *L'unité de soins intensifs*. CTI.

CTI.

Nem penso em lhe agradecer. Apenas me afasto, cambaleando, com aquela sigla ecoando nos ouvidos.

A subida no elevador leva um ano. Uma mulher de meia-idade que está comigo me pergunta algo em francês, depois faz cara de ofendida quando não respondo. Ela desce no quinto andar com uma leve bufada de irritação, e subo o resto dos andares sozinho.

As portas se abrem direto para a sala de espera do CTI. Não preciso falar francês fluente para saber do que se trata. As paredes têm um tom deprimente de cinza, e todo mundo sentado nas cadeiras de aspecto caro está com a mesma expressão pálida e cansada. Essas pessoas têm a aparência exata de como estou me sentindo. Como se pudessem desmoronar a qualquer momento.

No final do recinto há uma porta com um interfone logo ao lado e uma placa cheia de instruções complicadas. Aperto o botão do interfone e fico aguardando em total silêncio a porta se abrir. Ninguém na sala de espera me olha ou emite qualquer som. Assim como eu, essas pessoas estão dentro de bolhas. Não existe nada além do medo que sentem.

A porta enfim se abre e revela um cara magro de traje cirúrgico azul-claro.

– *Oui? Est-ce que je peux vous aider?*

Pigarreio. Consigo ver atrás dele uma longa sequência de quartos de hospital com divisórias de vidro.

– Estou procurando Jacob Nichols – balbucio.

Tento manter a voz baixa, mesmo agora.

– *Vous êtes famille?*

Dessa vez hesito, mas apenas por um segundo.

– Sou.

– *Oui, entrez* – diz ele, gesticulando para eu entrar. – *Salle neuf cent vingt-quatre*.

Vou atrás dele no piloto automático.

– Ele está bem? – consigo perguntar.

– Ele não é meu paciente – responde o cara, mudando para um inglês com sotaque. – *Voilà, c'est là*.

Ele aponta para um quarto logo adiante e se afasta depressa. Cambaleio mais um pouco, seguindo em frente; consigo ver “924 – *neuf cent vingt-quatre*” gravado numa das portas de vidro fosco logo à frente. O tempo desacelera enquanto avanço. Ouço vozes lá dentro. Vejo sombras se mexendo.

A porta está parcialmente aberta. Alguém está chorando, uma mulher. A mãe dele, talvez? Meu coração bate forte, cheio de dor. Nunca conheci a mãe dele. Ela não sabe que eu existo.

Chego mais perto, e então o vejo.

Meu corpo inteiro fica anestesiado. Preciso segurar o batente da porta para não cair.

Estava torcendo para...

Achava que...

Sei que é bobagem, mas uma pequena parte de mim ainda tinha esperança de ele ser um dos que sofreram ferimentos leves. Estava imaginando... Não sei o que eu estava imaginando. Um lábio cortado. Uma ferida na testa. Fui tão sem noção que nem pensei em ossos quebrados.

Ele está muito, muito pior do que eu poderia ter imaginado.

Uma das pernas está engessada e pendurada numa engenhoca de aspecto medieval presa ao teto; há uma sonda que coleta urina sanguinolenta numa bolsa, e do peito sai outro tubo. Acessos infundem fluidos em ambos os braços, um monitor cardíaco apita acima da cama e outro acesso maior injeta um líquido no pescoço.

E ele... ele não está respirando sozinho. Já assisti a séries médicas suficientes na televisão para saber que aquilo que está saindo da boca dele é um respirador. Há uma bolsa presa a ele e tubos que se estendem até um aparelho enorme ao lado da cama, e a bolsa infla e desinfla em um padrão rítmico.

O rosto dele não tem hematomas nem cortes, o que de alguma forma quase faz tudo ser ainda pior. Ele parece muito frágil. Muito vulnerável.

Ao lado da cama está sentada uma mulher de meia-idade de cabelo loiro e curto, com o rosto inchado de tanto chorar e uma das mãos contraída na boca. Um homem magro de meia-idade em pé atrás dela segura seu ombro. Do outro lado da cama, um sujeito forte de 30 e poucos anos está no celular, com uma das mãos pressionada na testa.

– Eu não sei... não *sei*, Lil. Eles ainda não vieram falar com a gente. Não, a última vez foi lá embaixo...

A voz dele é tensa e vagamente conhecida. Deve ser o irmão mais velho de Jacob, Paul. Ele liga para Jacob algumas vezes por mês. Tem uma voz grossa e retumbante que sempre sai pelo alto-falante do celular como se estivesse no viva-voz. É um empresário de algum tipo, e vive perguntando se Jacob está namorando ou se quer que ele marque alguma coisa com uma das “amigas gatas” da namorada.

A moça do outro lado da ligação deve ser a irmã do meio, Lily. Já vi fotos dela. Tem 27 anos e cabelo loiro-escuro, igualzinho ao de Jacob. Trabalha com produção de eventos em algum lugar dos Estados Unidos e vive sempre ocupadíssima com cem casamentos diferentes, bar mitzvás e coisas assim. Só liga para Jacob mais ou menos uma vez por mês, mas quando liga passa horas ao telefone com ele.

A família dele é assim. Todos muito unidos. Sem drama. Sem segredos. Quer dizer, sem segredos exceto eu.

Fico ali parado feito um bobo até eles me verem. Por um instante, seus olhos se iluminam, como se pensassem que sou o médico. Então veem o jeans e a camiseta, e o semblante murcha.

– Pois não? – diz o pai de Jacob, com uma voz tensa.

Levo um segundo para proferir uma resposta. Não consigo pensar com Jacob ali deitado. Ele está vestido apenas com uma camisola ridícula do hospital. Deve estar com frio. Ele *vive* com frio. Uma fúria irracional me aperta o peito. Por que ninguém pôs uma manta em cima dele?

– Desculpa – balbucio. – Eu... Ele é meu amigo. Do automobilismo.

O pai de Jacob assente, mas, para ser sincero, não tenho certeza de que algum deles sequer tenha me ouvido. Estão encarando Jacob outra vez, igualzinho a mim.

Paul então olha para mim, ainda com o celular grudado na orelha.

– Não, não é o médico – diz, impaciente. – Eu não sei, Lil.

Ele me encara de novo, com os lábios franzidos, e simplesmente sei que vai me pedir para sair. Mas, antes que consiga fazer isso, o monitor cardíaco começa a disparar.

Não consigo entender nada em relação àquilo; é só um monte de números e linhas, mas o troço com certeza está disparado e há algum tipo de alerta piscando na tela. Uns dois segundos depois, sou afastado do vão da porta por uma enfermeira, dessa vez uma mulher bem alta. Ela vai direto até o monitor e aperta um botão. A máquina começa a cuspir uma tira de papel comprida e os apitos cessam, mas o alerta segue piscando.

– O que está acontecendo? – pergunta a mãe de Jacob.

– A frequência cardíaca dele está meio acelerada, só isso.

O inglês da enfermeira é impecável e seu tom de voz é calmo, mas algo nos seus olhos me dá náuseas. A máquina volta a apitar, e a mãe de Jacob se levanta da cadeira. A enfermeira se vira de novo para o aparelho e desliga o som, mas dessa vez, ao se virar de volta, a preocupação em seu olhar é evidente.

– Já volto com a doutora. Gostariam de ir para a sala de espera?

– Nós vamos ficar aqui – declara Paul, bem alto. – Somos a família dele.

A enfermeira aquiesce e se retira, apressada, e dessa vez, quando a família de Jacob olha para mim de novo, por baixo da tristeza há algo que parece... hostil. Sou um intruso nesse momento profundamente íntimo.

Peço desculpas engasgadas e saio do caminho bem na hora em que a enfermeira volta acompanhada por uma mulher mais velha de roupa social e estetoscópio. Dois outros profissionais de enfermagem vêm no encalço delas, e, quando o grupo adentra o quarto, o monitor cardíaco volta a disparar. A porta se fecha, e sou deixado no corredor vazio.

Eles só querem pessoas da família lá dentro.

Fui eu que acordei ao lado dele hoje de manhã. Fui eu que fiz café para ele. Fui eu que lhe desejei boa sorte na corrida, dei um beijo nele e tentei juntar coragem para dizer que o amava antes de amarelar pela centésima vez.

Mas não sou da família.

Sendo assim, enquanto ele está morrendo atrás de paredes de vidro fosco, vou me trancar no primeiro banheiro que consigo encontrar e choro até passar mal.

## 2

# Tenta me impressionar

**EU JÁ TINHA OUVIDO FALAR DELE AO LONGO DOS ANOS, MAS SÓ** do mesmo jeito que tinha ouvido falar de todos os pilotos de Fórmula 2. Era um nome que escutava vez ou outra nos alto-falantes do circuito – “Nichols vai subir no seu primeiro pódio em Monza!” ou “Que corrida de Jacob Nichols!” –, sem que estivesse ligado a nenhum rosto específico. Na verdade, nunca chegamos a nos cruzar no mundo do automobilismo. Eu já corria sozinho quando ele começou no kart, e subi para a F1 um ano antes de ele conseguir uma vaga na F2. Embora algumas das corridas de F1 e F2 aconteçam no mesmo fim de semana, os pilotos não interagem muito. Ficamos ocupados com a imprensa, treinando, correndo. Eu assistia à F2 de vez em quando, por interesse, mas mesmo assim Jacob era só mais um piloto num carro. Totalmente desinteressante até uma sexta-feira, no Grande Prêmio da Áustria.

Era a última corrida antes do recesso de verão, e nesse dia estava marcado o FP1 – o primeiro treino livre da Fórmula 1 –, mas caiu o maior toró. A chuva ricocheteava 15 centímetros no chão, e o vento uivava nas arquibancadas. Até os fãs mais dedicados tinham debandado uma hora antes, e o cancelamento do treino parecia inevitável.

As classificações da F2 estavam marcadas para depois do FP1, mas as chances de isso acontecer eram poucas. Mesmo assim, ninguém podia ir embora antes do cancelamento oficial, e os diretores de prova estavam le-

vando séculos para tomar uma decisão. Estava todo mundo entediado, esperando, e quase todos os repórteres e entrevistadores já tinham recolhido seu material e entrado.

Eu estava inquieto demais para esperar na minha sala. Levantei um pouco de peso com meu treinador, Brian – um cara desagradável e sonso que eu infelizmente herdara do piloto anterior da Harper –, e em seguida o dispensei na cantina. Não acho que ele tenha percebido, para ser sincero. Estava ocupado demais se gabando da sua dieta sem glúten para um dos engenheiros de corrida da Harper.

Coloquei meus fones de ouvido, minha playlist habitual pré-corrida, e comecei a andar sem rumo enquanto percorria mentalmente o circuito. Fazia só três anos que estava na F1: dois anos bem razoáveis com a Torrent, uma escuderia média, depois esse com a Harper Racing, a segunda melhor da categoria. O carro era bem mais veloz, e eu estava em terceiro lugar no campeonato. Estávamos na metade da temporada, e em teoria o primeiro lugar ainda poderia ser meu. Toda vez que pensava nisso sentia um pequeno arrepio de animação. Ganhar um campeonato de F1 era tudo que eu sempre quis. E, com a previsão de chuva intermitente para todo o fim de semana, qualquer um poderia levar a corrida na Áustria.

Mas, em segredo, achava que seria eu. A chuva é o grande equalizador da F1, uma chance para pilotos com carros objetivamente mais lentos conseguirem um pódio surpresa ou vencerem a corrida. Eu mesmo tinha conseguido minha primeira vitória com a Torrent numa corrida debaixo de chuva três anos antes. Durante anos, fizera questão de treinar em dias chuvosos. Não só com meu carro de F1, mas com carros de rua, de rali, qualquer coisa com quatro rodas em que conseguisse pôr a mão. Tinha destruído alguns carros com isso, mas depois de um tempo peguei o jeito. Eu sabia, bem lá no fundo, que se chovesse nesse fim de semana eu poderia ganhar.

Mordi o lábio com força e me obriguei a recitar o circuito outra vez. Passei por algumas pessoas, a maioria funcionários entediados no celular, mas fiquei a maior parte do tempo sozinho. Então, dobrei à esquerda e entrei bem no meio de uma entrevista para a TV.

Era para uma emissora pequena da qual eu nunca tinha ouvido falar, com uma entrevistadora de cabelo escuro e sorriso nervoso. Seus olhos se iluminaram ao me ver, e o câmara se virou na minha direção.

– Travis Keeping! – A repórter me encarou, radiante. – Vem dar uma palavrinha com a gente?

Tirei os fones com relutância. O time de imprensa da Harper tinha regras sobre declarações de improviso (“Não falem com ninguém sem nós” era o mantra), mas a câmera já estava ligada e a repórter ostentava uma expressão extremamente esperançosa. Mesmo assim, hesitei por um instante, até o piloto que ela estava entrevistando me lançar um sorriso torto de dentes brancos.

Reconheço que foi como se tivesse sido atingido por um raio. É bobo, piegas e não foi de modo algum recíproco (mais tarde, Jacob disse que me achou um babaca), mas foi o que senti. Ele era simplesmente... um deus. Era a personificação de todas as fantasias que eu já me permitira ter, tudo embrulhado em um cabelo loiro-escuro, olhos cinza e braços fortes. Ainda me lembro da camiseta que ele estava usando, de algodão cinza macio, com o logotipo da sua equipe da F2 impresso nas costas.

Nos cinco segundos que levei para, primeiro, me imaginar tirando a camisa dele; segundo, me dar conta do que tinha acabado de pensar sobre outro piloto; e terceiro, surtar por causa disso, a repórter fez a primeira pergunta.

– Para quem acabou de chegar, estou aqui com o piloto de Fórmula 2 Jacob Nichols e com o piloto de Fórmula 1 Travis Keeping. Imagino que os dois estejam esperando impacientes a chuva parar – disse ela para a câmera, então sorriu para nós. – Rapazes, o que estão achando desse tempo?

– Tá uma doideira lá fora – respondeu Jacob, com outro sorriso torto. – Uma pena não deixarem a gente correr.

Ele estava tão perto de mim que pude sentir o cheiro do seu xampu, algo escuro, terroso e masculino. A essa altura, meu cérebro já estava batendo pino, mas felizmente eu já era conhecido por ficar calado em entrevistas.

– Pois é – falei.

A repórter assentiu, como se eu tivesse dito alguma coisa profunda.

– A previsão é o tempo melhorar um pouco amanhã, mas ainda estão previstas chuvas esparsas. Travis, nessa temporada essa seria a sua primeira corrida na chuva. Como se sente em relação a isso?

Dei um pigarro.

– Nada mal.

Houve um instante de silêncio enquanto eles me esperavam dizer mais. Como não fiz isso, Jacob arqueou uma única sobrancelha. Deve ter sido mais ou menos nessa hora que ele me achou um babaca.

A bendita da repórter não se deixou vencer com tanta facilidade. Estava um pouco corada de tão nervosa, mas engoliu a saliva com força e mudou de estratégia.

– Vamos fazer o seguinte – falou, com o vigor renovado. – Estamos com uns minutos pra gastar... Que tal eu fazer um jogo rápido? – Sem nos dar tempo para responder, ela seguiu em frente. – Eu digo duas coisas, e vocês escolhem uma. Sem hesitar; é só dar a primeira resposta que vier à mente. Entenderam?

Jacob lhe abriu um sorriso de incentivo, radiante e seguro de si, que senti bem lá no fundo.

– Manda – disse ele.

A repórter respirou fundo e foi em frente.

– Acordar com as galinhas ou dormir com as corujas?

– Dormir com as corujas – disse Jacob.

– Galinhas – grunhi ao mesmo tempo.

– Praia ou montanha?

– Montanha – respondi.

– Praia – rebatia Jacob enquanto isso.

– Rap ou tecno?

– Nenhum dos dois – falei, ao mesmo tempo que Jacob dizia:

– Os dois.

A repórter riu.

– Que bom que não é um jogo de recém-casados, senão vocês dois estariam a caminho de um divórcio!

A risada de Jacob foi calorosa e contagiante. Um dos cantos dos meus lábios se ergueu, absolutamente sem a minha permissão.

– Chá ou café? – prosseguiu a repórter.

– Café – respondemos os dois juntos, e fui recompensado com um largo sorriso de Jacob.

– Gato ou cachorro?

– Cachorro – dissemos ambos.

A repórter deu uma risadinha.

– Tá, talvez vocês ainda consigam evitar o divórcio por um tempinho. A última... Chuva ou sol?

– Chuva – respondi no automático, enquanto Jacob dizia:

– Sol.

A repórter sorriu.

– Digamos então que é uma relação turbulenta, combinado?

– Temos nossos altos e baixos – rebateu Jacob enquanto apertava meu ombro.

Senti o calor de seus dedos através do algodão fino da camiseta que estava usando, e por alguns segundos juro que não consegui respirar.

– Muito obrigada, rapazes – disse a repórter. – Vamos deixar vocês à vontade.

A câmera foi desligada, e ela apertou nossas mãos e nos agradeceu por termos topado a brincadeira.

– É minha primeira semana – admitiu. – Desculpem se foi uma bobagem.

– Não, você foi ótima – elogiou Jacob.

Um rubor agradecido se espalhou pelo pescoço da repórter. Ela nos agradeceu novamente, então partiu com o câmera no encalço. Jacob e eu fomos deixados sozinhos no corredor estreito de paredes brancas. Ele poderia simplesmente ter ido embora, mas, em vez disso, cruzou os braços e se recostou na parede. Seu sorriso era franco e confiante, e os olhos brilhavam quando me olhou de cima a baixo.

– Você manda superbem nas entrevistas – disse ele.

Um calor me subiu pelo pescoço. Eu devia estar tão vermelho quanto a repórter. Pigarreei, totalmente sem palavras. Mais tarde pensaria em algo para dizer, mas nunca fui bom com tiradas rápidas.

– Legal – consegui dizer.

Senti a risada dele como um arrepio quente nas costas.

– O fato de ter esse sorriso maravilhoso ajuda – comentou ele. – As pessoas ficam realmente à vontade.

Minha boca se ergueu num espasmo involuntário. Era verdade; eu não era conhecido por ser especialmente simpático. Não que estivesse tentando ser grosseiro, mas é que sempre me sentia... deslocado, acho. Pouco à vontade. O único lugar em que não me sentia assim era dentro de um carro de corrida. No mundo real, com pessoas, era um desastre. Por sorte, isso

parecia ter se traduzido numa imagem para a imprensa do tipo “cara durão e calado”.

Só que naquele momento eu não estava me sentindo particularmente durão. Jacob estava sorrindo para mim, e minha sensação era de que ele estava conseguindo ver tudo, desde o rubor no meu pescoço até a falta de firmeza das minhas mãos. Não só ver, mas saber a causa.

– Está ouvindo o quê? – perguntou ele, meneando a cabeça para meu celular abandonado.

Sem esperar a resposta, tirou o aparelho da minha mão. Tocou o botão de início, então ergueu uma sobrancelha surpresa quando a tela apareceu.

– Você não tem senha?

Dei de ombros. Nunca tinha precisado de uma. Não estava em nenhuma rede social, apesar da longa campanha do time de imprensa da Harper para me convencer a abrir conta em alguma. As únicas mensagens de texto no meu celular eram de trabalho.

Esperei Jacob abrir minhas músicas, mas em vez disso ele ergueu os olhos e me encarou, confuso.

– Você acabou de comprar este celular?

Pigarreei outra vez.

– Já faz alguns anos.

– Seu fundo de tela é uma imagem de fábrica – disse ele devagar.

O rubor estava subindo mais pelo meu rosto. Estava me sentindo tonto, instigado e satisfeito com a atenção dele.

– E daí?

– E daí que você deve ter pelo menos uma foto que pode usar como fundo de tela. – Ele tocou o ícone de Fotos, então me encarou horrorizado.

– Você nunca tirou uma única foto com o celular? Por acaso é um robô?

Peguei o aparelho de volta e fiquei com um aperto nervoso no coração quando meus dedos roçaram os dele.

– Eu não uso muito o celular.

Ele soltou uma risada incrédula bem alta.

– Eita cara esquisito. – Arrancou o celular da minha mão outra vez. – Vamos ver se pelo menos a sua música tem personalidade.

Baixou os olhos de novo para meu celular, e cheguei mais perto com o pretexto pífio de olhar a tela. Meus olhos acompanharam o contorno do

pescoço dele, onde uma pele lisa e bronzeada e a musculatura forte desapareciam por baixo da gola macia da camiseta. Senti um impulso repentino e avassalador de encostar os lábios ali.

Ao mesmo tempo, estava com os pensamentos a mil. Não só pelo fato de Jacob também ser piloto. Essa era também apenas a segunda vez que eu pensava algo desse tipo em relação a alguém *de verdade*. Tinha consciência da minha sexualidade como uma coisa distante, inconveniente, mas era algo que mantinha escondido lá no fundo da mente. Passei anos dizendo a mim mesmo que, se não prestasse atenção nisso – se mantivesse minhas fantasias vagas e sem rosto, nunca atreladas a uma pessoa real –, então não poderia ter importância de verdade.

Até que, num voo de Montreal para Londres alguns anos antes, eu me sentei ao lado de um cara que passou o voo inteiro digitando algum tipo de artigo de pesquisa no notebook. Passei a primeira hora tramando sua morte; a digitação dele era irregular e barulhenta, de modo que toda vez que eu começava a pegar no sono era despertado por uma explosão abrupta de cliques.

Mas então ele arregaçou as mangas até os cotovelos, e passei as cinco horas seguintes espiando os braços dele e imaginando aqueles dedos tocando a minha pele. Nessa noite, no meu quarto em Londres, mal consegui dormir de tanto pensar nele.

Então acordei no dia seguinte, totalmente horrorizado, e jurei nunca mais pensar assim em cara nenhum.

Peguei todos os meus pensamentos e desejos e os releguei ao recanto mais sombrio da mente. Toda vez que um sentimento ameaçava vir à tona, eu o canalizava para o automobilismo. Foi a primeira vez que me dei conta da minha força de vontade. Disse a mim mesmo que não sentia atração por ninguém, e fui tão convincente que cheguei mesmo a acreditar.

Então Jacob entrou em cena, e foi como se eu tivesse voltado àquele avião, trêmulo e exaurido por cinco horas de anseio.

– Nunca ouvi falar em nenhuma dessas bandas – comentou Jacob, torcendo o nariz. – Playlist de corrida... Que negócio é esse, é tipo música pra te motivar?

Ele clicou no botão de play e passou um minuto escutando com um fone só. Mordido o lábio e reprimi o mais discreto dos sorrisos, pois sabia que

aquilo não era exatamente música para me motivar. Eram apenas faixas indie bem calminhas, a maioria apenas instrumental.

Jacob tirou o fone do ouvido e me encarou.

– Esse é o tipo de música que toca em *spa* – falou, horrorizado.

Franzi o cenho.

– Nunca fui num *spa*.

Ele passou uma das mãos pela testa.

– Pelo amor de Deus, Keeping. Você é mesmo um robô. Alguém precisa te ensinar a viver.

Ele enfiou a mão no bolso e pegou o próprio celular, um iPhone surrado com uma rachadura na tela parecendo uma teia de aranha. A imagem de fundo era um grupo de dez pessoas sorridentes no alto de uma trilha de montanha. Estavam todas apinhadas, abraçadas umas nas outras. Eu nunca tinha participado de uma foto assim na vida.

– Viu só? – perguntou Jacob, erguendo o aparelho para eu poder ver melhor. – Esta foto diz alguma coisa sobre mim.

– Parece o anúncio de alguma marca de roupa esportiva.

Não vou fingir que foi uma sacada genial, mas foi uma tentativa de fazer graça, e minha própria ousadia fez meu coração disparar. Fui recompensado com um franzido no canto dos olhos de Jacob.

– Eu tenho mesmo cara de modelo, valeu – disse ele, com uma voz arrastada. – Não: a foto diz que eu gosto de fazer trilha, de ficar ao ar livre e de estar com amigos.

– E a minha diz o quê? – perguntei.

– A sua? – Ele arqueou uma das sobrancelhas. – Sei lá. 110101. Língua de robô.

Ele riu da própria piada, e sorri sem pensar. O olhar dele desceu até minha boca, em seguida subiu de novo. Algo mudou por trás das íris cinza-escuras, e um instante de silêncio carregado se fez entre nós.

– Licencinha!

O feitiço foi rompido quando um homem surgiu na quina do corredor, carregando um caixote pesado em um dos ombros. Dei um passo à frente para sair do caminho, e de repente fiquei a uns 15 centímetros de Jacob. Quando recuei mais uma vez, senti uma fraqueza nas pernas. Entendi então aquela expressão boba, “ficar de pernas bambas”. Na verdade, não era

nada boba, apenas uma descrição precisa da sensação de desejar alguém tanto assim.

Ele passou um minuto inteiro e demorado me observando, então sorriu.

– É, alguém com certeza precisa te ensinar a viver. Toma. – Ele me passou o celular dele. – Me dá seu número.

Sei que ele viu o quanto meus dedos penaram para digitar meu número no aparelho dele. Meu coração voltou a disparar enquanto eu fazia isso. Tive a sensação de estar tendo alguma experiência maluca fora do corpo, como se tivesse sido drogado ou algo assim. Ou como se estivesse bêbado: embriagado de sândalo, barba por fazer e braços fortes.

– Valeu – murmurou Jacob ao pegar o celular de volta.

Deu um passo na minha direção, e por um breve e insano instante pensei que talvez fosse me beijar ali mesmo no corredor, nem cinco minutos depois de me conhecer. Baixei os olhos para a boca dele; quando por fim os arrastei de volta até seus olhos, ele estava com uma cara incrivelmente cheia de si. Levou uma das mãos ao pescoço e o esfregou em um gesto distraído – meses depois, confessaria saber exatamente o que estava fazendo comigo com esse único movimento casual –, e um vácuo se fez no meu cérebro. Acho que na verdade talvez eu tenha me inclinado na sua direção, mas de repente ele deu um passo para trás.

– Boa sorte amanhã – falou.

Então saiu andando tranquilamente, com as mãos nos bolsos, e lançou as últimas palavras por cima do ombro junto de um sorriso desafiador.

– Tenta me impressionar.

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,  
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.  
Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos  
e poderá participar de promoções e sorteios.

[editoraarqueiro.com.br](http://editoraarqueiro.com.br)



Este e outros títulos do nosso catálogo estão  
disponíveis em audiolivro.